

## Origens sociais e gênero na trajetória de professores atuantes na educação básica: Apontamento iniciais

### Social origins and gender in the trajectory of teachers working in basic education: Opening notes

Laís Inês Sanseverinato Micheletti<sup>1\*</sup>, Andreza Oliviere Lopes Carmignolli<sup>1</sup>, Maria Fernanda Celli de Oliveira<sup>1</sup>, Luci Regina Muzzeti<sup>1</sup>

---

#### RESUMO

O presente trabalho objetiva desvelar como as questões de gênero estiveram presentes na constituição e na trajetória de dois professores que atualmente lecionam na educação básica, sendo um do gênero feminino e outro do gênero masculino. Apoiado no corpus teórico de Pierre Bourdieu, este estudo buscou desvendar na práxis como os condicionantes de classe e gênero interferem na trajetória destes agentes. Para a análise dos dados, que foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas foi empregado o conhecimento praxiológico (BOURDIEU, 1994). Os relatos apontaram uma contraditória relação entre reestruturação do habitus primário dos agentes com relação as questões de sexualidade e gênero que estaria relacionada ao elevado nível de instrução formal dos entrevistados, paralela a permanência da incorporação da dominação masculina nos relatos analisados. Com isso, é possível inferir que as desigualdades relacionadas aos gêneros presentes na sociedade, são perpetuadas e materializadas na escola, enquanto uma violência simbólica que, reproduz as relações de dominação entre os gêneros. Sendo assim, é inerente propor estudos que visem transgredir essas condições, contribuindo assim, para uma sociedade mais justa e igualitária.

**Palavras-chave:** Agentes escolares; Educação básica; Gênero; Herança cultural.

---

#### ABSTRACT

The present work aims to reveal how gender issues were present in the constitution and trajectory of two teachers who currently teach in basic education, one female and the other male. Supported by Pierre Bourdieu's theoretical corpus, this study sought to unravel in praxis how class and gender constraints interfere in the trajectory of these agents. For the analysis of data, which were obtained through semi-structured interviews, praxeological knowledge (BOURDIEU, 1994). The reports pointed to a contradictory relationship between the restructuring of the agents' primary habitus in relation to issues of sexuality and gender, which would be related to the high level of formal education of the interviewees, parallel to the permanence of the incorporation of male domination in the analyzed reports. With that, it is possible to infer that the inequalities related to the genders present in the society, are perpetuated and materialized in the school, as a symbolic violence that reproduces the relations of domination between the genders.

---

<sup>1</sup>Instituição de afiliação 1. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.

\*E-mail: lais.ines@unesp.br

Therefore, it is inherent to propose studies that aim to transgress these conditions, thus contributing to a more just and egalitarian society.

**Keywords:** School agents; Basic education; Gender; Cultural heritage.

---

## INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende apresentar como as questões de gênero estiveram presentes na constituição e na trajetória de dois professores que atualmente lecionam na educação básica, sendo um do gênero feminino e outro do gênero masculino.

Este trabalho é um recorte temático acerca de algumas considerações sobre a interferência da herança cultural na trajetória de dois agentes escolares oriundos das camadas populares a partir da dissertação de mestrado intitulada: “*Instituições privadas de Ensino Superior como refúgio na trajetória das camadas populares*”,<sup>2</sup> defendida em 2022.

De acordo com Bourdieu (1999) a violência baseada no gênero, possui caráter estrutural e social tendo o princípio da dominação masculina enquanto uma construção histórica materializada em herança social e cultural desse modo sustenta-se o conhecimento de que a sociedade é estruturalmente patriarcal e machista.

Mediante o exposto torna-se fundamental defender a relevância de ações que objetivem esclarecer tabus e preconceitos historicamente enraizados, em especial relacionado ao contexto escolar compreendido aqui como instância reprodutora das desigualdades sociais (BOURDIEU, 2015) cuja tendência é contribuir para a perpetuação de preconceitos e equívocos referentes a questões relacionadas a classe, sexualidade e gênero.

---

<sup>2</sup> Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título Mestre em Educação Escolar. Apoiado nos conceitos de Pierre Bourdieu a dissertação teve por objetivo analisar os condicionantes de classe e gênero que motivaram a desistência de graduandos e graduandas oriundos das camadas populares nos cursos de licenciaturas em universidades públicas e optarem pelo ingresso em instituições privadas de ensino superior (MICHELETI, 2022). Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Para Bourdieu (2015), a sociedade é heterogênea e divide-se em frações de classes mais privilegiadas que exercem simbolicamente uma dominação em detrimento das classes menos privilegiadas, sendo a cultura um instrumento simbólico de dominação para assegurar a manutenção de tal estratificação, fortemente perpetuada pela instituição escolar.

A relação entre dominantes e dominados é incorporada inconscientemente pelos agentes, este poder simbólico está inserido nas valorizações e representações arbitrárias socialmente construídas que são naturalizadas “o poder simbólico é, com efeito, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. (BOURDIEU, 1989, p.7).

Para além dos condicionantes referentes as frações de classe Bourdieu (1999) também destaca que o habitus do gênero feminino é constituído com base no princípio da dominação masculina.

Tal princípio rege a sociedade no que diz respeito as relações de gênero masculino e feminino, sendo essa uma relação de poder desigual entre ambos, onde o feminino está sempre submisso ao masculino, nesse sentido a concepção de diferentes espaços a serem ocupados por homens e mulheres são naturalizados.

O poder simbólico que legitima de forma imperceptível as relações de poder entre dominantes e dominados, está relacionado ao funcionamento da instituição escolar na medida que projeta a violência simbólica.

As relações pedagógicas vivenciadas e construídas na tanto no interior da instituição escolar quanto fora dela, são permeadas de simbolizações por meio das quais as crianças incorporam normas, conteúdos, valores, significados, que norteiam suas interações sociais e as de acordo com o gênero feminino ou masculino.

[...] a escola, mesmo quando já liberta da tutela da igreja, continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal (baseada na homologia homem/mulher e na relação adulto/criança) e, sobretudo, talvez, os que estão inscritos em suas próprias estruturas hierárquicas, todas sexualmente conotadas, entre as diferentes escolas ou as diferentes faculdades, entre as disciplinas, (moles ou duras...), entre as especialidades, isto é, entre as maneiras de ser e as maneiras de ver, de se ver, de se representarem as próprias aptidões e inclinações, em suma, tudo aquilo, que contribui para traçar não só os destinos sociais como também a intimidade das imagens de si mesmo. (BOURDIEU, 1999, p.104).

Perante essa perspectiva observa-se que os adultos de uma sociedade, dentre eles professores, são responsáveis pela transmissão de disposições, esquemas de percepção sexistas para as crianças, pois demonstram expectativas que ajudam na construção da imagem do que é ser menino e do que é ser menina, perpetuando o *habitus* daquilo que se espera de cada um deles.

Mediante o exposto concordamos com autores como Costa e Ribeiro (2011) que afirmam que perante a validação do reconhecimento acadêmico de que gênero e sexualidade devem ser objeto de pesquisa e intervenção nas escolas, torna-se imprescindível considerar e compreender os agentes que, no contexto escolar, lidam com tais questões que inevitavelmente surgem na sala de aula, uma vez que a sexualidade é intrínseca ao ser humano.

## **HABITUS E GÊNERO**

Para Bourdieu a formação do *habitus* ocorre por meio do processo de socialização, a peculiaridade em sua premissa se encontra na enunciação de que a o processo de socialização está submetido às diferenças das classes sociais, desse modo, o *habitus* não estaria relacionado a atmosfera biológica dos indivíduos, mas funcionaria como um produto da posição e da trajetória social destes, justificando a existência de uma coerência/regularidade entre o agente individual e a sociedade.

Nesse sentido, ao se falar em *Habitus*, é compreendido o comportamento do grupo social e familiar, efetivando-se nos agentes a partir das condições materiais de existência semelhantes, dando origem às frações de classe que se exprime em todos os aspectos de seu comportamento, influenciando a relação que se tem com determinados conjuntos de valores e conhecimentos, gostos, perspectivas, escolhas e decisões nas dimensões profissionais, escolares e sociais que formam a herança cultural das famílias, de acordo com os diferentes estratos sociais aos quais pertencem (MUZZETI, 2019).

Bourdieu ainda afirma que o *habitus*, enquanto disposição durável que sobrevive as condições socioeconômicas de sua própria produção, pode estar na origem tanto da inadaptação, quanto da adaptação, da revolta e da resignação.

Se faz importante ressaltar que o *habitus* tem como produto também o gênero. Para Bourdieu (1999), tanto o gênero masculino, quanto o feminino resultam das relações

de poder entre si, sendo construídos e naturalizados nas diferentes agências de socialização.

A forma como a sociedade e os diferentes grupos sociais agem em relação às mulheres e homens condicionam a constituição da identidade de gênero dos indivíduos e contribuem para ratificação do *habitus* enquanto sistema de disposições, de comportamentos naturalizados.

Assim sendo, os gêneros masculinos e femininos não tendem a se manifestar de forma igualitária, há comportamentos esperados para cada um.

As aparências biológicas e os efeitos bem reais que um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e biologização do social produziram nos corpos e nas mentes conjugam-se para inverter a relação entre as causas e os efeitos e fazer uma construção social naturalizada (os gêneros sobre *habitus* sexuado) como fundamento in natura da arbitrária divisão está no princípio não só da realidade como também da representação da realidade (BOURDIEU, 1999, p.9-10).

Dessa forma o *habitus* compreendido como sistema de disposições, transferência análoga de esquemas de percepção e ação, organizará o adequado, o possível ou o aceitável para os agentes do gênero masculino e feminino especificamente (MUZZETI, 2019, p.30) mediante o princípio da dominação masculina (BOURDIEU, 1999) e que se legitima por meio da violência simbólica.

Bourdieu (1999, p.7) define a violência simbólica vivenciada pelas agentes do gênero feminino, como “exemplo por excelência desta submissão paradoxal” que legitima a dominação masculina e caracteriza a violência simbólica enquanto:

[...] violência suave, insensível e invisível as suas próprias vítimas que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou em última instância, do sentimento.

É por meio da violência simbólica que a dominação masculina é incorporada agentes do gênero feminino, onde a submissão das mulheres dominadas colabora para a perpetuação de todas as vertentes dessa violência, evidenciando a dominação masculina como parte de uma ordem social ampla que abrange todos os âmbitos e gêneros.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe para pensa-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural [...] (BOURDIEU, 1999, p. 47).

Considerando a herança cultural como um conjunto de comportamentos, interditos e valores transmitidos no seio familiar que interferem na estruturação e reestruturação do *habitus* dos agentes (BOURDIEU; BOLTANSKI; SAINT-MARTIN, 1978) infere-se que o contato com a violência proveniente da dominação masculina perpetua-se pelos demais agentes por meio da herança cultural transmitida no seio familiar.

Desse modo conclui-se que a violência simbólica perpassa a herança cultural que esses agentes possuem e que de maneira implícita autorizam a incidência de uma dominação que tem como objetivo limitar a figura feminina a um símbolo de submissão. Desse modo as relações de dominação estabelecidas tornam-se parte do *habitus* dos agentes.

Compreendemos assim que o *habitus*, concebido como sistema de disposição, transferência analógica de esquemas de percepção e ação, organizará o adequado, o possível ou o aceitável para cada um dos gêneros em seu respectivo grupo social.

O conceito de *habitus* é desenvolvido pelo autor consiste num princípio explicativo da coerência das práticas sociais. Para fundamentar esta categoria, o autor recorre previamente ao pressuposto da dinamicidade desenvolvido pela Escolástica partindo da tese de que o indivíduo é condicionado por suas primeiras experiências, avançando nesse pensamento com o argumento de que o indivíduo também é condicionado pelas experiências seguintes podendo reestruturar as experiências primárias (BOURDIEU, 1994).

Portanto sua teoria não faz menção ao conceito de regras, mas sim regularidades de frações de classe, e se faz possível inferir que, apesar das construções vivenciadas de forma primária, o *habitus* pode ser reestruturado ao longo da vida de um agente com base em suas experiências. Desse modo apesar da dominação masculina já posta, pressupõe-se uma possível transgressão a mesma, mediante oportunidades de reestruturação do *habitus* dos agentes.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa por considerar os aspectos subjetivos da questão problema, conforme Minayo (2001, p.21-22), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

A análise dos dados coletados foi realizada com base no conhecimento praxiológico, tal como foi desenvolvido por Pierre Bourdieu (1994, p.60), partindo da busca de uma dialética entre as limitações do conhecimento objetivista e da fenomenologia, na construção da “teoria da prática ou modos de engendramento das práticas”, nas palavras do autor:

O conhecimento que podemos chamar de praxiológico tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade: este conhecimento supõe uma ruptura com o modo de conhecimento objetivista, quer dizer um questionamento das questões de possibilidade e, por aí, dos limites do ponto de vista objetivo e objetivante que apreende as práticas de fora, enquanto fato acabado, em lugar de construir seu princípio gerador, situando-se no próprio movimento de sua efetivação (BOURDIEU, 1994, p.47).

Nessa perspectiva de investigação, compreende-se que a análise e interpretação dos comportamentos humanos devem ser assimiladas considerando como primazia a prática, não somente o resultado dessa, mas o processo em que ela se constrói utilizada como um instrumento científico, promovendo um conhecimento aprofundado da complexidade das relações sociais.

Com base nos estudos de Pierre Bourdieu, foi desenvolvida uma entrevista semi-estruturada, tendo como base os conceitos da teoria bourdieusiana, sendo eles: *habitus*, capital social, capital cultural, capital econômico e gênero que foram gravadas e transcritas na íntegra.

O roteiro da entrevista foi desenvolvido com base nas pesquisas realizadas por Muzzeti (1992,1997, 2019) e Oliveira (2017, 2021).

Antes da coleta da entrevista, que se deu por meio de vídeo conferência, os entrevistados foram informados sobre a não-obrigatoriedade em participar da pesquisa, no momento em que foi apresentado o termo de Livre Consentimento e também foram conscientizados da gravação da entrevista.

Ressalta-se, ainda, que a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, campus de Araraquara e, após análise, os membros do Comitê de ética foram favoráveis à sua aprovação.<sup>3</sup>

## **APRESENTAÇÃO GERAL DOS PARTICIPANTES**

Para este recorte temático foram selecionados dois agentes escolares sendo um do gênero masculino e outro do gênero feminino, ambos professores da rede pública (municipal e estadual).

Os agentes selecionados são oriundos das camadas populares<sup>4</sup> e ambos se auto declaram cis gêneros, heterossexuais, solteiros e até o momento da entrevista afirmaram não ter filhos.

Visando uma melhor compreensão do grupo social do qual cada agente pertence, e as relações que podem ser estabelecidas quanto aos conceitos trabalhados, a seguir será feita uma explanação sobre as origens e atividades de cada agente individualmente, situando-os previamente em seu contexto econômico e de classe.

Posteriormente na seção discussão dos resultados, serão apresentadas como as questões de gênero estiveram presentes na constituição e na trajetória dos agentes entrevistados e como elas foram ou não de alguma forma reestruturadas atualmente de forma simultânea.

Os entrevistados estão identificados por nomes fictícios e alguns dados como nomes de instituições, entre outros, que pudessem identificar os colaboradores foram retirados para manter o sigilo e privacidades dos mesmos.

---

<sup>3</sup> CAAE: 43328421.0.0000.5400.

<sup>4</sup> Na obra de Pierre Bourdieu a compreensão da noção de camada popular se dá de forma contextual. Neste estudo utilizo a contextualização a partir dos critérios estabelecidos por Muzzeti (2019) caracterizando a camada popular a partir do agrupamento da categoria socioprofissional do chefe de família, sendo os agentes selecionados filhos de pais que exerciam atividades que exigiam baixo nível de ensino, detentores de baixa certificação escolar e com histórico de instabilidade econômica.

## Olivia

Olívia tem 36 anos, servidora pública, solteira, reside em uma cidade de médio porte do interior paulista, onde nasceu e sempre morou com seus pais e sua irmã caçula, num bairro localizado em uma região periférica do município.

Olívia atua como servidora pública municipal desde o ano de dois mil e sete, quando ingressou na função de agente educacional. Após concluir a licenciatura em pedagogia, prestou um novo concurso no qual obteve uma boa classificação, sendo convocada em dois mil e dezenove para, então, atuar como Professora de Educação infantil.

Além da graduação em pedagogia concluída no ano de dois mil e quinze, por meio de uma instituição particular de ensino superior na modalidade de ensino a distância, Olívia acumula três diplomas de pós graduação lato sensu sendo eles: Metodologia do Ensino de Arte, metodologia do ensino de Matemática e Psicopedagogia clínica e institucional, todas obtidas também por meio de instituições privadas de ensino superior na modalidade à distância.

Os pais de Olivia até o momento da entrevista se encontravam casados e desempregados, situação na qual já se encontravam anteriormente a pandemia de COVID-19.

Quando questionada sobre sua família sempre ter tido estabilidade financeira, Olivia relata episódios de instabilidade econômica “*“Não, não sempre considero não, em noventa e seis a coisa ficou ruim”* (OLIVIA) afirmando inclusive que as condições econômicas de sua família a impulsionaram a conciliar trabalho e estudo durante o período em que cursou o ensino médio

A família de Olivia tem origem nordestina, seus avós, tanto maternos quanto paternos, viviam na zona rural e tinham um baixo nível de escolarização, sendo qualificados pela entrevistada enquanto “*semi analfabetos*”.

O pai de Olivia é quarto filho de um total de cinco irmãos cursou até o quarto ano do ensino fundamental da época.

No momento da entrevista o pai de Olívia se encontrava afastado por meio de um benefício de caráter assistencial, mas já trabalhou como pescador e posteriormente atuou muitos anos como vendedor autônomo.

De acordo com a entrevistada a precária situação financeira de sua família contribuiu para seus pais a interrompessem os estudos precocemente.

Olivia relata que a maioria de seus tios são analfabetos sendo que alguns sabem somente ler e escrever, enquanto que o nível de escolarização de seus primos varia entre alfabetizados e graduados, tendo atualmente um primo cursando o ensino superior e dois primos já graduados.

Olivia é a segunda filha de um total de três irmãs, sendo que a mais velha - irmã somente por parte de pai com a qual nunca residiu - possui nível superior de ensino cursado em uma instituição privada, enquanto a irmã caçula possui o nível técnico de ensino.

Olivia relata que era incomum ocorrerem práticas culturais em sua família tais como: frequência a museus, idas cotidianas a cinemas, teatro, galerias de arte e viagens. Recorda-se apenas de uma vez ou outra ter ido ao Nordeste com seus pais para visitar seus avós.

Sobre os programas e passeios em família a entrevistada afirma que “*não saiam muito*”, mas freqüentavam assiduamente a igreja católica.

*Sim, católica. Sim bem tradicional, nós somos batizadas, crismadas, primeira comunhão, é... já participamos da catequese, fomos catequistas, a gente cumpre a semana santa quase ao pé da letra, tem essa tradição da semana santa, desde pequenininha. Quase todo mundo e de quarta-feira na novena, era bem assim (OLIVIA).*

## **Matheus**

Matheus tem 26 anos é servidor público estadual e reside em uma cidade de grande porte do interior paulista, onde mora com sua mãe em um bairro considerado periférico.

Matheus atua como professor da rede estadual sendo este seu primeiro emprego, formou-se no ano de dois mil e vinte no curso de licenciatura em filosofia por uma instituição privada e confessional de ensino, muito bem conceituada em sua cidade.

A mãe de Matheus atualmente trabalha como cuidadora de idosos, mas já trabalhou muitos anos como empregada doméstica e auxiliar de limpeza em empresas e hospitais.

Com relação a estabilidade financeira de sua família Matheus relata “*A gente nunca passou assim grandes necessidades de faltar comida e tal, mas também havia momentos em que não dava pra esbanjar*” (MATHEUS).

O entrevistado nunca teve contato com o pai, dessa forma não tem maiores informações sobre o nível de escolarização e profissão de seus familiares paternos.

Matheus não se recorda do nível de escolarização e profissão de seus avós maternos, sabe que sua mãe é a penúltima filha de quatro irmãos e possui o ensino fundamental completo concluído por meio do supletivo durante a idade adulta.

Em geral o nível de escolarização de seus tios varia de fundamental a médio completo e atualmente possui primos que já concluíram o ensino superior.

O irmão mais velho de Matheus possui ensino superior completo e já não mora mais com ele e sua mãe.

De acordo com o entrevistado fazia parte do *habitus* de sua família a leitura de jornais e revistas. Relata também que era comum haver livros em sua casa devido ao fato de morar com uma tia que na época exercia o ofício de inspetora escolar, então ela constantemente lhe trazia livros infantis da escola em que trabalhava.

Durante sua infância e adolescência Matheus cita que os eventos comuns em seu cotidiano relacionavam-se a frequência assídua a igreja e eventos religiosos.

*Olha, eu, eu cresci numa família católica não praticante e tinham um, grandes relações com cultos afro-brasileiros, Umbanda e Candomblé, depois a minha mãe se converteu ao protestantismo né, a igreja evangélica, mas de denominação tradicional, era protestante reformada (MATHEUS).*

Matheus também relata que eram comuns também em seu cotidiano eventos como reuniões familiares e idas ao shopping, e recorda-se de ter viajado algumas vezes para o litoral paulista com sua família.

## **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Olivia acredita que para seus pais, uma mulher bem sucedida teria que ser uma excelente esposa e dona de casa, enquanto um homem bem sucedido, é descrito como doutor, concepções que divergem do pensamento da entrevistada. Para Olívia, uma

mulher bem sucedida tem “*Pelo menos o nível superior de estudo que dirige, independente*” (OLÍVIA).

A entrevistada alega não ter uma definição sobre um homem bem sucedido. Olívia acredita que está longe de corresponder às expectativas de seus pais “*Não, não corro, pelo contrário (OLIVIA)*, uma vez que não é casada e nem tem filhos, pois acredita que uma gravidez em sua fração de classe inviabilizaria os estudos “*com certeza*”.

Matheus relata que sua mãe descreveria um homem bem sucedido, principalmente, como um homem “*trabalhador*”, e relata que a definição de uma mulher bem sucedida para sua mãe provavelmente seria uma “*definição bem machista*”.

*Principalmente um homem que trabalha pra ela um homem que não trabalha é vergonhoso (MATHEUS).*

*Uma mulher bem sucedida pra minha mãe? Ah difícil assim, mas ela teria uma definição bem machista, muito mais assim por criação e mentalidade que ela sempre teve do que de fato ela entender e concordar com isso (MATHEUS).*

Matheus não compartilha da mesma opinião que a mãe sobre um homem ou uma mulher bem sucedida “*Pra mim pessoas que tem dignidade, que conseguem realizar seus sonhos suas vontades se têm ferramentas pra isso, ferramentas tanto de assistência né do Estado quanto de educação, é isso uma pessoa que não tem limitações*” (MATHEUS).

Apesar de uma opinião divergente da mãe, Matheus acredita que está se tornando alguém que corresponda as expectativas da mãe de um homem bem sucedido “*Sim, ‘tô’ me tornando*” (MATHEUS).

Ambos agentes afirmam terem tido algum tipo de informação a respeito de sexo e sexualidade por meio da escola, mas especificamente, em decorrência da disciplina de biologia e palestras informativas.

*Ah palestra que tinha lá, tinha bastante palestra sobre isso, sobre droga também (OLIVIA).*

*Na escola. Acho que na quinta, quinta série. Não, não, na quarta. (OLIVIA).*

*Sistemática assim não, uns conselhos da minha mãe tal, umas coisas na escola, televisão, mas nada muito de alguém chegar e falar comigo assim (MATHEUS).*

*Na escola, nas aulas de ciência biologia, em casa também né (MATHEUS).*

Os agentes acreditam que, tanto na universidade, como na sociedade, as dificuldades para homens e mulheres não são as mesmas, uma vez que a sociedade ainda é machista

*Mulher tem muito mais dificuldade (OLÍVIA).*

*Mulheres infelizmente tem o fator determinante do machismo né, que dificulta as coisas pra vocês (MATHEUS).*

Entretanto ambos relatam não se recordar ou não ter vivenciado nenhuma atitude machista no interior de sua família ou na sociedade.

Quando questionados se professores universitários tratam iguais alunos do gênero feminino e masculino e se já presenciaram episódios machistas na universidade as respostas também são contraditórias.

Olivia relata que os professores tratam de forma desigual alunos do gênero feminino e masculino, porém afirma não se recordar de nenhum episódio de machismo no decorrer da trajetória universitária.

Enquanto Matheus afirma que professores universitários tratam de forma igualitária alunos e alunas, mas diz se recordar de episódios de machismo em sua trajetória universitária.

Essa contradição na fala dos agentes analisados entre reconhecer que se vive numa sociedade machista, mas ignorar a vivência de tal desigualdade pode ser explicada pela naturalização da dominação masculina, já que, para Bourdieu (1999), o machismo está na ordem das coisas, passando de forma imperceptível aos olhos de quem o vivencia.

Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes, às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais. O que pode levar a uma espécie de autodepreciação ou até de autodesprezo sistemáticos, principalmente visíveis (BOURDIEU, 1999, p.46).

Ambos agentes entrevistados acreditam que seus pais não só tratariam, mas como também desejariam coisas diferentes caso tivessem filhos de outro gênero, no caso de Matheus uma irmã e no de Camila um irmão.

*Sim. Seria, pelo meu pai não, mas pela minha mãe sim (OLÍVIA).*

*Ah, se ela tivesse uma filha mulher? Sim (MATHEUS).*

Com relação às questões relacionadas a gênero e sexualidade Matheus relata que durante sua infância, costumava ter brinquedos como bolas e carrinhos e gostava de jogar futebol com os amigos, afirma que existia em sua casa repressão por brinquedos e brincadeiras consideradas de menina e repressões relacionadas a gênero, mas “*não tão incisivas*”, não se recordando de nenhum episódio específico.

*Sim, mas assim não tinha nada específico, mas tinha essa repressão por algo que pudesse ser considerado de menina. (MATHEUS).*

*Uma repreensão incisiva assim não, mas sempre tem aqueles comentários, aquelas figuras que você acaba compreendendo que na realidade quer dizer. (MATHEUS).*

Já no caso de Olívia observou-se que quando criança seu comportamento chamava a atenção de seu respectivo grupo social, devido ao fato de a mesma não se identificar com brincadeiras tidas como de meninas “*Não gostava que a gente brincasse de brincadeira de menino, mas eu sempre gostei de brincadeira de menino*” (OLÍVIA).

A entrevistada afirma que preferia brincadeiras consideradas de meninos como brincar na rua, faz de conta de super herói, andar de bicicleta.

É possível observar que seu grupo social manifesta a naturalização da dominação masculina, por meio da internalização da divisão de corpos (corpo masculino no espaço público e corpo feminino relegado ao espaço privado/doméstico) de maneira inconsciente, de acordo com Bourdieu (1999, p. 39):

*Como se a feminilidade se medisse pela arte de “se fazer pequena” (o feminino, em berbere, vem sempre em diminutivo), mantendo as mulheres encerradas em uma espécie de cerco invisível (do qual o véu não é mais que a manifestação visível), limitando o território deixado aos movimentos e aos deslocamentos de seu corpo.*

A entrevistada relata ainda uma educação sexual indireta e coberta por tabus em seu interior familiar pautada em princípios religiosos “*Assim era mais sobre aquela*

*tradição lá do casamento que a mulher tem que ser pura, aquela coisa toda do século XVI*’ (OLÍVIA).

Por meios dos relatos, observa-se a dominação masculina, mais uma vez, materializada por meio do domínio dos corpos, em que atitudes consideradas antifemininas justificam uma tendência natural do gênero feminino à passividade, controlando suas ações e modos de agir por meio da falta de informações diretas e claras sobre questões relacionadas a sexualidade.

Nota-se que a agente entrevistada relata que sua família era frequentadora assídua da igreja católica, para Bourdieu, a Igreja sempre esteve maculada pelo antifeminismo, que cultiva e reproduz uma visão negativa da mulher e da feminilidade.

É, sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem. Quanto à Igreja, marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas à decência, sobretudo em matéria de trajes, e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres (BOURDIEU, 1999, p. 103).

Diferentemente do relato de Matheus onde sua mãe sempre o aconselhou explicitamente *a não engravidar a menina* (MATHEUS) demonstrando uma educação sexual por vias diretas.

Observa-se que um dos pilares da dominação masculina, de acordo com Bourdieu (1999), é o se faz pelo controle dos corpos, dessa forma, a falta de informação relacionada às questões de sexo e sexualidade ao gênero feminino e conduzida de forma declarada a agentes do gênero masculino é percebida como mais um mecanismo da dominação masculina, uma vez que a mulher se torna submissa e dependente e do homem para os assuntos relacionados a sexo e ao próprio corpo.

Ambos agentes acreditam que, em sua fração de classe, uma gravidez inviabiliza os estudos, enfatizando que, em maior grau, para o gênero feminino, evidenciando a perspectiva de divisão de papéis sociais naturalizada, de forma que a mulher é a maior responsável pela criação dos filhos *“Meu com certeza! Porque pra começo de história tem aquela visão né, é machista, então, da minha família, então...”* (OLÍVIA).

Quando questionados sobre o tratamento igualitário ou não dos professores da educação básica com relação a meninos e meninas:

*Não. Tanto quanto eu era estudante quanto agora eu estou como professora, a maioria trata diferente, porque menina não pode brincar com carrinho e menino não pode brincar com boneca, brinca com boneca tem alguns que chegam a falar que tem tendência homossexual (OLIVIA).*

*Hum... difícil, eu acho que não... (MATHEUS).*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos relatos foi possível observar que as agentes receberam ao longo de suas respectivas trajetórias uma educação sexual heteronormativa pautada em princípios religiosos cristãos e da dominação masculina, permeada por estereótipos de gênero.

Observou-se ainda e que no caso da agente do gênero feminino a educação sexual recebida em seu meio familiar foi deu-se de forma dissimulada em maior intensidade quando comparada a do agente do gênero masculino.

Além do mais pode-se concluir no caso destes agentes pertencentes a frações de classe menos privilegiadas, uma íntima relação entre educação sexual familiar e prolongamento dos estudos.

Conforme os relatos, para os agentes entrevistados uma gravidez significaria o abandono imediato dos estudos, tendo em vista que a gestação foi identificada pelos depoentes como um dos principais fatores da desistência e abandono dos estudos por familiares e conhecidos, concluindo que a prevenção a gravidez precoce e a educação sexual constituem uma estratégia profilática, como constatado também nos estudos de Muzzeti (2019) que analisam as trajetórias de agentes das camadas populares.

Mediante o exposto nota-se que os agentes apresentam inicialmente uma tendência a reestruturação do *habitus* primário com relação as questões relacionadas a sexualidade e gênero levando a hipótese de que esta reestruturação estaria relacionada ao elevado nível de instrução formal dos entrevistados, entretanto a incorporação da dominação masculina (BOURDIEU, 1999) ainda se fez presente nos relatos analisados em especial quando afirmam que a sociedade é machista, mas alegam não se recordar destas vivências em seu cotidiano.

As reflexões conduzidas por este estudo, e as contradições levantadas, levam a considerar a necessidade de pesquisas futuras com o objetivo de verificar como estas questões interferem na prática docentes dos agentes analisados, e de que forma a herança cultural destes professores interferem na educação sexual dos alunos, uma vez que de acordo com Louro (2003, p.6) “[...] as formas adequadas de fazer, de meninos e meninas, homens e mulheres ajustados/ as aos padrões das comunidades pressupõem uma atenção redobrada sobre aqueles e aquelas que serão seus formadores e formadoras”.

Ao evidenciar a resistência do princípio da dominação masculina nas concepções de professores que atuam na educação básica o estudo nos conduz a reflexão sobre a emergência de temas relacionados a sexualidade e gênero inseridas na formação docente, na tentativa de transgredir a concepção já posta e introjetada socialmente.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P.; BOLTANSKI, L.; SAINT-MARTIN, M. As estratégias de reconversão. *In: J. C. Durand (org.). Educação e hegemonia de classe: as funções ideológicas da escola.* Rio de Janeiro: Zahar, p.105-176, 1978.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico** / Pierre Bourdieu; tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. Esboço de uma Teoria da Prática. *In: ORTIZ, R. (org.). A sociologia de Pierre Bourdieu,* São Paulo: Editora Ática, n. 39, p. 46-86, 1994. - (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

BOURDIEU, P. 1930-2002. **A dominação masculina** / Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena Kühner. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação.** *In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org).* 16 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. – (Ciências Sociais da Educação).

COSTA, A. P.; RIBEIRO, P. R. M. Ser professora, ser mulher: um estudo sobre concepções de gênero e sexualidade para um grupo de alunas de pedagogia. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 475-489, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/rtgWFMVj896pKLZL8gkhJYS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2022.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MICHELETI, L. I. S. **Instituições de Ensino Superior Privadas Como Refúgio nas Trajetórias das Camadas Populares.** 2022. 114 f. Dissertação (Mestrado em

Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2022. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/217214/micheleti\\_lis\\_me\\_arafcl.pdf?sequence=3](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/217214/micheleti_lis_me_arafcl.pdf?sequence=3). Acesso em: 20 out. 2022.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MUZZETI, L. R. **Trajetórias Sociais e Escolares de Laureados nas Políticas de Acesso dos cursos de graduação/UNESP/CAR**. 2019. 184f. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2019.

MUZZETI, L. R. **Trajetória social, dote escolar e mercado matrimonial: um estudo de normalistas formadas em São Carlos nos anos 40**. Tese (Doutorado), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1997.

MUZZETI, L. M. **Trajetórias escolares de professoras primárias formadas em São Carlos nos anos 40**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil, 1992.

OLIVEIRA, M. F. C. De. **Trajetória Social e Sexualidade: A estruturação da identidade de gênero na educação infantil**. 2017. 79f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/149966>. Acesso em: 20 out. 2022.

OLIVEIRA, M. F. C. De. **Sexualidade, gênero e infância: a relação escola, família e pediatria na Educação Sexual de crianças da Educação Infantil**. 2021. 194 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/214941>. Acesso em: 20 out. 2022.

*Recebido em: 10/10/2022*

*Aprovado em: 12/11/2022*

*Publicado em: 17/11/2022*